

Quando los cronopios van *de viaje*, encuentran los
s llenos, los trenes ya se han marchado, llueven
gritos, y los **taxis** no quieren llevarlos
o les cobran precios altísimos. Los cronopios no se *desaniman*
creen **firmemente** que *estas* cosas les ocurren
todos, y a *la hora de dormir* **se** dicen unos
os: “La hermosa ciudad, *la hermosísima ciudad*”. Y sueñan toda la noche
e en la ciudad hay grandes fiestas y que **ellos**
tán invitados. Al otro día se levantan
contentísimos, y *así* es como viajan los
cronopios. *Las esperanzas*, sedentarias, **se dejan**
cajar por las **COSAS** y los hombres, y son como
estatuas que hay que **ir** a verlas porque ellas ni se m

graciano

0.

Gostaríamos de dizer que os Cronópios são úmidos, mas nem esta revista, nem esse computador podem se molhar. Podemos dizer que cantam como cigarras, mas isso vai depender se você tem todos os *plug-ins* instalados corretamente. Se nós dissermos que a força dos Cronópios é a poesia, vai descobrir na página 16 que também pode ser a prosa. Tememos não poder acabar esse texto, devemos ser breves, porque somos Cronópios, e como tais, esquecemos tudo: da conta dos dias ao nosso próprio nome. Perdemos o que carregamos nos bolsos, passamos distraidamente pelo sinal a aberto e pronto, acabou-se.

Graciano é uma publicação mensal do **Cronópio – Discussão e Produção Literária**, projeto de extensão do Departamento de Comunicação da Ufes e vinculado à **RELER&FAZER – Rede de Experiências em Leitura**. A equipe editorial é formada principalmente por estudantes universitários, sob a orientação do professor Erly Vieira Jr.

Nossa proposta é a de lançar um olhar jovem sobre a produção literária contemporânea aqui no Espírito Santo, através de resenhas, entrevistas, debates, publicações de textos literários. Um olhar curioso, atento, de quem aos poucos vai descobrindo a diversidade e a força dessa produção. *Mezzo* revista, *mezzo* fanzine, Graciano tem a apaixonada missão de vasculhar essa vida literária, bem como suas interfaces com outras esferas culturais, e promover uma reflexão sobre como nossa literatura traduz as múltiplas experiências de quem vive no Espírito Santo hoje.

A conexão com o cenário capixaba já começa no nome da revista: uma homenagem dupla, tanto ao protagonista homônimo dos romances *As mãos no fogo* e *A ceia dominicana*, de Reinaldo Santos Neves (o entrevistado especial dessa edição), quanto

à ironia e irreverência do escritor Graciano Neves, autor do clássico satírico *A doutrina do engrossamento*.

Norteando as seções que compõem esta revista, temos uma diversidade de enfoques. **Valise** é um espaço de publicação de textos inéditos, onde são revelados alguns dos talentos literários da nova geração de escritores daqui do Estado. No primeiro número, apresentamos a produção dos integrantes do *Cronópio*, mas pretendemos, nas próximas edições, abrir espaço para que outros autores possam enviar seus textos. **Vinte e um** é uma seção destinada a apresentar o que de melhor tem se produzido de literatura brasileira aqui no Espírito Santo, neste início de século: notícias sobre eventos do circuito literário, resenhas de livros, entrevistas e depoimentos de escritores, além de uma espécie de revisão crítica dos principais livros publicados nos últimos anos. O **Dossier** consiste numa curadoria que resgata o melhor da produção literária capixaba: a cada edição, escolhe-se um tema, e são compilados dez textos (poemas, contos, crônicas) de autores consagrados no cenário local, de modo a estabelecer diálogos instigantes entre suas obras.

Encerrando cada edição, temos a **Biblioteca básica**: um escritor diferente é convidado para dar um depoimento sobre uma obra literária capixaba e que tenha marcado época. Nas próximas edições, devemos abrir espaço para a publicação de artigos teóricos, transcrição de debates com escritores, além de vídeos e ensaios fotográficos e de artes visuais inspirados em obras dessa literatura brasileira produzida aqui mesmo, no Espírito Santo.

E o melhor disso tudo é que nossa revista é gratuita, e pode ser acessada de qualquer lugar do planeta (e é fácil de ser divulgada também: se você gostou, basta enviar nosso link por e-mail, msn, twitter para seus amigos). Com isso, buscamos cumprir um de nossos objetivos mais caros: dar visibilidade à nossa literatura, inclusive atingindo outros públicos, ainda não familiarizados com a produção capixaba contemporânea. Aqui é um espaço para divulgar tanto os veteranos quanto os nomes mais promissores das safras recentes. Gente que leva a sério aquilo que o Deleuze apontou em seu ensaio *A Literatura e a Vida*: mais do que reproduzir o já existente, a literatura produz novas linhas de vida, novas formas de se perceber o mundo, de se inventar novos mundos, novas percepções. E nos enche de orgulho fazer parte disso tudo. “Quem escreve escava/ o que o silêncio palavra”, já dizia sabiamente um poema de Viviane Mosé.

Por enquanto, é isso. Entre, fique à vontade: a Graciano também é sua.

Os editores

literatura brasileira feita no
espírito santo.

GRACIANO

Literatura Brasileira feita no Espírito Santo

Março de 2010. Nº 0, Ano I.

Equipe Editorial

Brunella Brunello. Daniel Fernandes. Fernanda Barata.
Guilherme Rebêlo. Leandro Reis. Lucas Rocha. Rafael
Abreu. Sidney Spacini. Vinícius Altoé.

Orientação

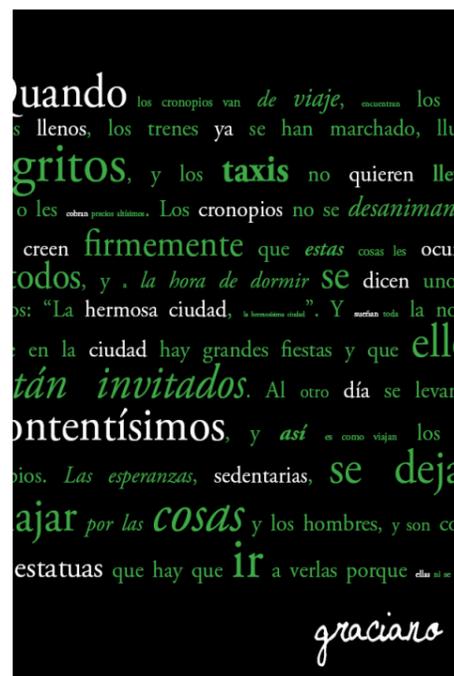
Prof. Erly Vieira Jr (Depcom - Ufes)

Capa e Projeto Gráfico

Daniel Fernandes

Revisão

Guilherme Rebêlo



Capa: História de Cronópios e Famas, de Julio Cortázar.

graciano

- 7 XXI
- 16 Valise
- 36 Dossier
- 56 Vida Literária
- 58 Biblioteca Básica

Ano I, nº 0

“

Contemporâneo é aquele que mantém fixo seu olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é justamente aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente

”

Giorgio Agamben

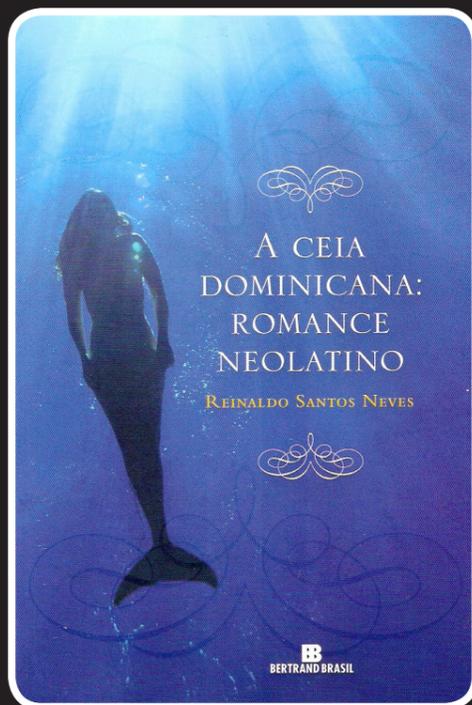
filósofo italiano

vinte e um

literatura deste início de século

A CEIA DOMINICANA

Nesta entrevista à Graciano, o escritor Reinaldo Santos Neves fala do seu novo romance, *A Ceia Dominicana*, o segundo publicado nacionalmente pela editora Bertrand Brasil, no final de 2008. Nessa conversa, Reinaldo comenta a ligação desse texto com duas de suas obras anteriores, sob a forma de uma trilogia (o romance *As mãos no fogo* e o *Poema Graciano*, publicados há mais de duas décadas), bem como das aproximações da ceia, ambientada no balneário de Mangueiros em fins da década de 70, com a antiguidade clássica, em especial no paralelo com o *Satyricon*, de Petrónio. Conversamos ainda sobre metalinguagem, ironia, intertextualidade e a ligação entre o romance de Reinaldo e as tradições folclóricas capixabas. Além, é claro, de Graciano, protagonista do romance, cujo nome tomamos emprestado para batizar nosso zine/revista.



1. A ceia dominicana: romance neolatino é a conclusão da trilogia iniciada com dois textos publicados há mais de duas décadas: o Poema graciano (1982) e o romance As mãos no fogo (1983). Por que retomar esse universo, vinte e cinco anos depois?

Projetos literários estão sujeitos a todo tipo de vicissitude, inclusive deserção por parte do autor. No meu caso, se abandonei alguns pra nunca mais, abandonei outros pra retomá-los em outro formato. Dentre estes, posso citar o romance Filhos de Anna: originalmente ambientado em Vitória no século XX, foi a meio caminho transferido pra França do século XIV e convertido na *Crônica de Malemort* (1978); posso citar também o próprio *Mãos no fogo*, totalmente reescrito numa linguagem mais elaborada pra substituir a linguagem despojada e enxuta que era a marca da primeira versão. Essas mudanças de formato se fizeram sem longas interrupções: identificada a mudança necessária, tinha início a reformulação do texto. No caso da *Ceia dominicana*, porém, o intervalo foi bem mais longo entre as duas ou três primeiras tentativas e esta última, que redundou na conclusão do romance. Por outro lado, durante esses 25 anos, em momento algum deixei de acreditar na validade do projeto, de ter fé em sua originalidade e em seu potencial literário. É difícil largar de mão um projeto assim. Além disso, havia a questão de honra de fechar a trilogia anunciada na edição das *Mãos no fogo*. Assim, minha fidelidade de visionário acabou recompensada: pude encontrar a abordagem que, se não a única possível, me parece ter sido a melhor e mais adequada pra este autor aplicar a este projeto e concluí-lo.

2. Este livro já está anunciado no texto que Herbert Daniel fez para a orelha de *As mãos no fogo*. Daniel também já falava, a respeito do que seria essa terceira parte da trilogia, de uma inspiração declarada no *Satyricon*. Por que optar por esse diálogo com um texto da antiguidade clássica ao escrever uma estória ambientada no balneário de Manguinhos, em pleno final dos anos 70?

Não me lembro hoje, depois de tanto tempo, exatamente o que me deu a idéia de um romance inspirado no *Satyricon*. No romance *Sueli* e em correspondência com amigos há referências ao capítulo de cerca de 30 páginas suprimido das

Mãos no fogo pra constituir um romance à parte. Em carta de dezembro de 1981 ao escritor João Felício dos Santos sintetizo o projeto como “uma tentativa de recriação moderna da ceia de Trimálquio, do *Satyricon*” e menciono um dos pratos da ceia, “gato com cerejas, que dizem ser fina iguaria.” Na correspondência posterior o que há são referências eventuais ao conflito entre autor e texto que me levou a uma primeira trégua, na qual me dediquei, por puro diletantismo, à tradução do romance *Vendaval na Jamaica*, de Richard Hughes, que foi concluída mas não editada. Quanto ao diálogo entre uma história ambientada em Manguinhos e a antiguidade clássica, esclareço que a idéia pro que seria digamos assim um *Satyricon* brasileiro precede a escolha de Manguinhos como cenário da história: Manguinhos não é cenário do capítulo suprimido, mas do romance que lhe tomou o lugar. E, se o cenário tinha de ser uma praia, porque é numa cidade (não identificada) da baía de Nápoles que se passa boa parte da ação do *Satyricon* que chegou até nós, era natural que minha escolha recaísse sobre Manguinhos. Manguinhos está no imaginário de toda a minha família. Meu avô materno, Ceciliano Abel de Almeida, já nos anos 20 tinha ali uma casinha de veraneio, e foi lá que se refugiou, como pessoa ligada ao partido da situação, assim que se consumou a vitória dos revolucionários de 1930. Eu mesmo sempre passei as férias lá, desde criança até a idade madura. Aquela velha Manguinhos está guardada dentro de mim com muito carinho. Quanto ao ano do romance, 1979, não podia ser outro: afinal, trata-se de uma seqüência imediata da história das *Mãos no fogo*, que se situa em fins dos anos 70. O próprio *Poema graciano* se data a si próprio no verso 351: “ano setenta e nove: eu vinte e sete”.

3. Em *As mãos no fogo*, a Vitória do final dos anos 70 está toda lá, retratada de forma um tanto quanto realista. Já a praia de Manguinhos é narrada na *ceia dominicana* sob um forte viés do fantástico, do extravagante, o que até nos aproximaria, de certa forma, ao universo da Roma antiga, certo?

Na verdade, o elemento fantástico só se manifestou quando já ia avançado o trabalho de escritura desta versão do romance. Até então, não tinha me passado pela cabeça essa possibilidade: o romance seria tão realista como *As mãos no fogo*, só que bem mais extravagante, pra usar o seu ter-

mo. Aliás, se comparamos, nesse aspecto, *A ceia* com o *Satyricon*, vemos que *A ceia* chega a apelar pro fantástico mais que seu modelo, porque em *Satyricon* não há nada de explicitamente surreal a não ser uma ou outra história vicária, narrada pelos personagens; há magia, por exemplo, mas não há milagres nem portentos. Mas, à medida que fui desenvolvendo o texto, a dimensão fantástica começou a se impor, o que me pareceu natural e até necessário, porque pavimentava o caminho até o universo de Roma antiga. No entanto, os elementos surreais da *Ceia* podem até, em grande parte, ser explicados de forma realista, sobretudo se admitirmos que o narrador, como poeta que é, tende a lançar mão de licença poética pra contar a sua história. Convém lembrar que, pra todos os efeitos, *A ceia* não é um romance de autor, mas de personagem. Seu autor é Graciano Daemon e não Reinaldo Santos Neves. E, sendo Graciano um poeta, é natural que apele não só pro poético, mas também pro fantástico, o que, em termos práticos, dá no mesmo. Me agrada estabelecer um paralelo entre o Graciano narrador da *Ceia* e o Gulley Jimson narrador de *The Horse's Mouth*, do romancista inglês Joyce Cary (falecido em 1957). Jimson é um pintor obsessivo, e assim a história é narrada do começo ao fim pela ótica de um pintor, que tudo vê e tudo expressa plasticamente, atento sempre às cores e às formas do mundo que o cerca.

4. Nota-se um tom picaresco por todo o romance (algo que inclusive faz ecoar a influência do *Satyricon*, precursor do gênero), reforçado por uma atitude de se entregar à própria sorte, assumida por Graciano durante os episódios narrados. Podemos pensar numa releitura do gênero na *ceia dominicana*?

Segundo P. G. Walsh (*The Roman Novel*, p. 2 e 4), o romance picaresco não é invenção dos espanhóis, mas dos romanos, com as duas obras-primas que são o *Satyricon* de Petrônio e o *Asno de ouro* de Apuleio. No caso específico do *Satyricon*, temos um romance essencialmente picaresco quinze séculos antes de *Lazarillo de Tormes*, texto que inaugura o ciclo picaresco espanhol. Assim, com o *Satyricon* como modelo, *A ceia* não poderia deixar de seguir o padrão picaresco em sua estrutura narrativa. Ora, muitas características do romance picaresco se encontram na *Ceia*: narrador na primeira pessoa, narrativa episódica, situações grotescas e ridículas, personagens recorrentes, isto é, que reaparecem



ao longo do relato, amoralidade e cinismo, sátira social, digressões sobre a condição humana, histórias vicárias, ou seja, contadas pelos próprios personagens, etc. Sem dúvida nenhuma, A ceia dominicana pode e deve ser classificada como romance picaresco, mas dentro da tradição romana, inclusive porque tem narrador ingênuo (como Encólpio no *Satyricon* e Lúcio no *Asno de ouro*), cuja ingenuidade torna-o vítima das circunstâncias.

5. Uma outra característica que marca o personagem seria um certo desejo de estar à deriva, de entregar-se à sua jornada. Há todo um jogo, no decorrer do livro, entre o estável (a casa, o casamento, o anacrônico desejo de tomar uma virgem como esposa) e o instável e efêmero (o mar, o banquete, a obsessão pela perda da virgindade). E sempre a dúvida, sobrepondo-se a qualquer certeza. Seria Graciano movido pela dúvida (inclusive acerca do que realmente aconteceu na noite de núpcias com Alice)?

Creio que um dos prazeres de todo autor é ser surpreendido por novas percepções ou interpretações de sua obra. Recentemente me surpreendi com uma dessas percepções por parte de um aluno de graduação de Letras, Nelson Martinnelli Filho, que apresentou um trabalho sobre *As mãos no fogo* no Congresso de Estudos Literários promovido em novembro pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Ufes. Quanto ao que você sugere sobre a instabilidade do personagem, sua percepção é também particularmente válida. De fato, não é à toa que o símbolo de Graciano seja, desde *As mãos no fogo*, o centauro, ser dúplice, híbrido, dividido entre a razão e o instinto, a espiritualidade e a carnalidade. A parte animal do centauro que é Graciano pode ser responsável por essa inquietude, essa insatisfação, essa necessidade da deriva que talvez corresponda ao instinto de autodestruição presente em todo ser humano e, mais ainda, em todo personagem de literatura que se preze. Dá até pra especular se a dúvida (e não foi mais que uma dúvida) acerca da virgindade da noiva não teria sido o pretexto de que Graciano precisava pra fugir à perspectiva de estabilidade no momento mesmo em que essa estabilidade parecia fechar-se em torno dele. E qualquer dúvida é mais instigante e mais provocante, em termos literários, do que qualquer certeza – Bentinho que o diga, condenado à prisão perpétua de duvidar

da lealdade de Capitu. Aqui aproveito pra indicar que esse detalhe crucial da Ceia, noivo que foge da noiva, tem inspiração no *Satyricon*. Muitos estudiosos acreditam (cf. Walsh, p. 73) que o romance, em sua versão integral, começava em Marseilha, onde Encólpio, às vésperas do casamento com uma certa Dóris, por alguma razão se viu obrigado a abandonar pátria e noiva. Ora, o fecho *das Mãos no fogo* se dá quando Graciano e Alice, sua noiva (Alice Dóris, na *Ceia*), estão ultimando os preparativos do casamento, marcado pra breve. Pensando bem, talvez daí, desse ponto que Encólpio e Graciano têm em comum, o casamento interrompido, é que me tenha vindo a idéia de aproveitar o *Satyricon* como modelo da Ceia, o que me permite dar uma sugestão de resposta à sua pergunta n. 2.

6. Engraçado que esse desejo de mobilidade, de “estar à deriva”, esse deixar-se levar pelas aventuras e desvios de percurso que a jornada tem a oferecer, tem se tornado uma constante nos protagonistas de seus romances mais recentes: Kitty (de *Kitty aos 22*, inclusive na própria noção de navegar na internet), Grim de *Grisby* (em *A longa história*), Graciano... Cada um deles tem seu quinhão de flâneur...

Sua percepção se aperfeiçoa. Realmente, todos eles são personagens em constante movimentação: Graciano, durante dois dias, Kitty, durante uma semana, e Grim, durante meses inteiros. Personagens andarilhos também são Reynaldo, do romance *Sueli*, que percorre e repercorre a cidade de Vitória em busca de um amor só possível no papel, e o próprio Graciano *das Mãos no fogo*, à deriva em Vitória em busca daquilo que não sabe bem o que é. E mais: o próprio narrador do meu primeiro romance faz, com seus companheiros, numa Vitória identificável mas não nomeada, numa noite só, uma via crucis em busca de sentido pra uma vida que não tem sentido. Acho que a maioria dos romances tem, de uma forma ou de outra, personagens andarilhos, que buscam alguma coisa, quer no mundo exterior, quer no interior. Neste caso, pra citar uma obra de poesia, Renato Pacheco definiu os *Cantos de Fernão Ferreiro* como “uma autêntica viagem de descobrimento do eu”.

7. Inclusive a própria sexualidade dos personagens também está imersa nesse clima de deriva, de ambigüidade (Átis é um belo exemplo

disso)... talvez o ápice disso tudo esteja no banquete e no perfil de seus comensais... talvez seja a cena mais romana de todo o romance...

De um romance inspirado no *Satyricon* e na antiguidade clássica se exige abordar a temática do sexo e em especial da homossexualidade. A homossexualidade fazia parte da cultura grega e da romana, do estilo de vida das elites. Na *Ceia*, Átis, o Sr. Eugênides, Tito Lívio, Nicágoras, entre outros, assumem esse papel, e o próprio Graciano acaba vivendo uma experiência desse tipo. A ambígua relação de amor e amizade entre Graciano e Áquila na juventude remete a amantes míticos como Pátroclo e Aquiles, na *Ilíada*, e literários (e platônicos) como David Balfour e Alan Breck, no *Raptado*, de Stevenson. A situação de Domingos Cani, por exemplo, que quando criança se prestava aos prazeres pedófilos do poeta Cicutá Pereira, remete à cultura romana, em que os jovens serviam de pasto aos mais velhos pra, quando adultos, serem servidos por sua vez pela geração seguinte. A referência à piscina de Cicutá, que se metia n'água com os seus “peixinhos”, é uma citação do historiador romano Suetônio, que relata que assim agia o imperador Tibério em sua velhice com um bando de crianças nobres de ambos os sexos. O banquete que dá título ao romance dialoga com o episódio do *Satyricon* conhecido como *Cena Trimalchionis*, ou seja, *Ceia de Trimalchio*. Aí tento reproduzir o clima original em que se juntam à mesma mesa, por um lado, pessoas vulgares, mas endinheiradas, algumas delas tiradas a intelectuais, e, por outro, legítimos intelectuais que ali estão como parasitas pra comer e beber do bom e do melhor, que é o caso de Agame-mnon (personagem, aliás, que até pelo nome tem seu correspondente no *Satyricon*). Alguns pratos exóticos são consumidos, cujas receitas, de origem medieval mas provavelmente herdadas da antiguidade clássica, encontrei na internet, como o porco de Tróia, enquanto outras, igualmente exóticas, são bem mais recentes. Não sei se é a cena mais romana do romance, mas certamente é a que mais de perto se aproxima do modelo, que é *Satyricon*.

8. É curioso notar um certo tom melodramático no envolvimento de Graciano com Fausta. Gostaria que você falasse um pouco sobre isso...

O desejo de Graciano, tanto nas *Mãos no fogo* como na *Ceia*, é sobretudo de ordem erótica: Bár-



bara, Alice, Helena, Júlia, Débora, no primeiro, e Eugênia, Daiane, Petúnia, Nilota, Sóstrata, no segundo. No momento de desespero a que é levado pelas circunstâncias, no entanto, sua saída honrosa é não só o amor, mas o amor idealizado que se vê nos romances de amor da Grécia antiga. Esse amor idealizado é alvo da paródia de Petrônio, que o reproduz no *Satyricon* através da ligação homossexual entre Encólpio e Gíton, expressa em termos e gestos melodramáticos, e da paráfrase de Apuleio, que interpolou no *Asno de ouro* o célebre episódio “Amor e Psiquê”. No caso de Graciano e Fausta (que na *Ceia* tem como codinome Psiquê), dá-se o mesmo, a ponto de usarem entre si o tratamento tu e não você. Se considerarmos a *Ceia* como romance de personagem, uma das coisas que eu apostaria ser pura invenção de Graciano, seu autor, é justamente Fausta. Mas não há dúvida de que ela é importante no romance porque supre as necessidades de Graciano no momento em que ele perdeu tudo e está se sentindo o último dos homens. Fausta é, realmente, a alegoria do amor, e é curioso, ou até sintomático, que traga em si ambos os sexos.

9. E mais uma vez a metalinguagem que você usou em Sueli: afinal, *A ceia dominicana* é o romance escrito por Graciano, em primeira pessoa, para narrar a sua versão dos acontecimentos que sucedem na noite de núpcias com Alice. E, ainda por cima, o romance nos é apresentado como póstumo... Gostaria que você comentasse um pouco sobre esse uso da metalinguagem para mediar essas duas dimensões: o vivido e o narrado.

A narração da *Ceia* precisava ser feita na primeira pessoa, e o narrador não poderia ser outro senão o protagonista, seguindo assim a tradição do romance picaresco e reproduzindo o exemplo do *Satyricon*. Esse foi um dos problemas que atrasaram vinte anos o projeto da *Ceia*, porque eu não via o mesmo personagem discreto e contido das *Mãos no fogo* narrando aquelas aventuras picarescas em que ele é o centro de uma seqüência de episódios ridículos e embaraçosos. Tenho pra mim que a decisão de considerar o romance como texto literário do próprio Graciano salvou o projeto: só teria de inventar o motivo por que ele o teria escrito, motivo que acabou sendo a intenção de incomodar o próprio irmão, Antônio, apresentado nas *Mãos no fogo* como indivíduo rígido, repressivo e desprovido de humor. Então, assim como *Sueli*, de Reinaldo

Santos Neves, *A ceia dominicana*, de Graciano Daemon, também tinha um alvo onde cravar a flecha: também foi escrito com “más intenções”. Quanto à condição de romance póstumo, achei que esse detalhe acrescentaria maior verossimilhança à sua “autoria”, já que Graciano pouco se lixaria pelo que se falasse dele depois de morto. Curioso que temos um exemplo de atitude parecida na literatura inglesa: é o caso do romance *Maurice*, de E. M. Forster (autor mais conhecido por *Passagem para a Índia*), que, por expressa determinação do autor, só foi publicado postumamente, devido à sua temática homossexual. Mas, diferente de *Sueli*, a metalinguagem da *Ceia* se apóia numa falsa atribuição, recurso de que tantas vezes se valeu Borges em seus textos de ficção. O romance é apresentado como obra de Graciano e, além disso, como obra póstuma editada por sua cunhada, Bárbara Gondim, também personagem das *Mãos no fogo*. Nesse ponto, *A ceia* está mais próxima da *Folha de hera*, romance ainda inédito, que seria, supostamente, uma crônica francesa medieval preservada numa versão inglesa do século XV por sua vez traduzida e editada em português por um professor chamado Luís Roberto Esteves Filho: uma tríplice falsa atribuição.

10. Curiosamente, esse falar de si protegido pela ficção também é uma constante em seus romances, vide *Sueli*...

Acho que os escritores, em maior ou menor grau, sempre falam de si em seus textos, seja de sua experiência de vida (que inclui a vida dos que gravitam ao alcance de suas antenas indiscretas), seja de sua experiência de leitura. Em *Sueli* a ficção me permitiu não só falar de uma experiência amorosa, mas de convertê-la em literatura por meio de um tratamento de intensa referencialidade entre elementos factuais e elementos míticos, históricos e literários. No conto “*O homem que sabia de cor a tripulação do Bounty*”, de um livro ainda inédito, trabalhei a relação de um leitor com um episódio histórico do século XVIII e tudo que se escreveu sobre ou a partir do episódio, em diversos formatos: quadrinhos, poesia, prosa de ficção e historiografia. Já Graciano – como eu, autor biológico, e, por conseguinte, leitor vesgo do romance, o vejo – pode se dar o luxo, como personagem fictício, de usar a ficção não pra se proteger, mas pra se pôr no fogo e se queimar na pira destinada a chamuscar o irmão esnobe e careta.

11. Eoque o leitor que conheceu Reinaldo a partir de *A longa história* pode esperar da *Ceia dominicana*?

Em termos amplos, os dois romances parecem não ter nada a ver um com o outro. As épocas são diferentes, e isso cria diferenças em tudo que abordam e no modo como abordam. A linguagem narrativa também é completamente diferente; o tom da *Longa história* é austero e solene, o da *Ceia*, pseudo-ingênuo e cômico, de um cômico que não deixa aparente a sua intenção cômica. Ambos, porém, são irônicos, e tanto num como noutro a ironia é interlinear, subjacente, embora a ironia da *Ceia* seja bem mais crua. Já vimos que ambos se assemelham como romances digamos assim em constante movimento. Por fim, creio que há, nos personagens Grim e Graciano, um ponto em comum: a obsessão pela virtude. Com a diferença de que Grim é, na essência, virtuoso, e Graciano não, muito pelo contrário. Grim é virtuoso e deseja que Lollia também seja. Graciano não deseja a virtude pra si, mas a exige na noiva, pra ser sugada por ele: é, de certa forma, uma atitude vampiresca.

12. Como você espera que um romance tão irreverente com aspectos tradicionais do Espírito Santo seja recebido pelo leitor capixaba?

O romance *A ceia dominicana* satiriza tudo que toca: o próprio narrador se põe o tempo todo numa situação de auto-satirização. Se é assim, o romance, ambientado como é no Espírito Santo, satiriza todo e qualquer aspecto da cultura capixaba que nele apareça. Sei que haverá espíritos bairristas que se irritarão com essa irreverência, mas não foi pra esses espíritos que escrevi o romance: portanto, em benefício de si próprios e do romance, sugiro que não se sentem à mesa dessa *Ceia*. O leitor da *Ceia dominicana* deve ter mente aberta, senso de humor e capacidade de separar estas duas dimensões: a literária e a real. Devo dizer, aliás, que o jogo satírico da *Ceia* atinge indiscriminadamente coisas pelas quais tenho o maior respeito e coisas pelas quais não tenho respeito nenhum. Um exemplo disso é o convento da Penha. Minha formação religiosa foi toda católica e, embora me tenha afastado da Igreja e discorde, racionalmente, de muitas de suas posições, ainda guardo dentro de mim um grande amor fidalgo pelo catolicismo, que, além disso, considero a mais literária das religiões cristãs. Por isso, a sátira

ao convento é feita unicamente com intenções digamos assim lítero-humorísticas: eu seria o último a fazê-la com outras intenções quaisquer que fossem. E, guardando a minha lealdade ao catolicismo, julgo-me no direito de brincar com a religião como se fosse – e é – coisa minha. O que amamos sem compromisso nos pertence sem compromisso.

13. Outra coisa que é visível na Ceia é o paralelo entre a antiguidade clássica e o folclore brasileiro e capixaba. A sua descrição da puxada de Mastro, por exemplo, em muito lembra os festivais greco-romanos...

Eu estava trabalhando na *Ceia* quando fiz a seleção dos textos de meu pai, Guilherme Santos Neves, pra inclusão na Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba, lançada em outubro deste ano. A presença de elementos folclóricos na *Ceia* já estava prevista desde a origem do projeto, até porque o *Satyricon* inclui grande soma de provérbios, superstições e credices, jogos e brincadeiras, constituindo fonte preciosa do folclore romano. Câmara Cascudo, em vários de seus estudos, se refere a Petrônio como fonte folclórica; por exemplo, no caso da superstição de entrar nos lugares com o pé direito. Lendo os textos de meu pai, porém, fui percebendo que o contingente de elementos folclóricos poderia ser ampliado, porque muito do folclore de hoje tem sua origem na Grécia ou na Roma antigas. Assim, foi possível estender uma ponte entre as culturas populares de hoje e da antiguidade clássica, além da ponte entre as respectivas culturas eruditas, feita através de textos literários. A puxada do mastro é o exemplo mais marcante: sendo a festa mais típica do Espírito Santo, foi identificada por Cascudo como correspondente a antigos festivais em que os gregos de Alexandria puxavam um barco em homenagem a Ísis Pelágia, deusa do mar. Já outras fontes deram a Agamemnon (meu personagem tirado a sabe-tudo) a deixa pra estabelecer uma relação com procissões romanas em que se carregava pelas ruas o tronco de um pinheiro simbolizando o falo do deus Átis. A inclusão desses elementos realça o fato de que o paganismo clássico continua muito forte em nosso imaginário e em nosso cotidiano e endossa, por conseguinte, o clima pagão do romance. Se alguém se dispuser a folhear a Coletânea do folclore verá quanta coisa da Ceia tem sua origem ali, por exemplo, a história de como São Pedro aprendeu a pescar. Incluí essa história não só porque tinha a ver com o mar, elemento preponde-

rante no romance, mas também porque meu pai a recolheu na própria praia de Manguinhos, de um pescador chamado, como no romance, Antônio Lúcio. Observe, porém, que em tudo que escrevo o objetivo primordial é sempre o literário, de modo que não cabe ver na Ceia dominicana nenhuma intenção de levantar e defender teses antropológicas, folclóricas, ou de qualquer outro gênero.

14. Aliás, a recente reedição dos escritos de seu pai, Guilherme Santos Neves, sobre as manifestações folclóricas capixabas, apresentou ao público a figura de Dalmácia Ferreira Nunes, ao mesmo tempo empregada doméstica e espécie de guardiã das tradições populares, fonte direta de várias informações coletadas por Guilherme em suas pesquisas. E qual não é minha surpresa ao vê-la reaparecer na personagem de Dona Dalmácia, recitando suas trovas em pleno banquete de Domingos Cani...

Quando eu nasci, Dalmácia já era empregada da família, e se tornou inclusive minha babá. Cresci à sombra dela; era ela que tomava conta de mim quando meus pais iam ao cinema, e acabava adormecendo na cadeira enquanto eu, impiedoso, lhe dava noções de cultura inútil mostrando-lhe cartões (com a figura de músicos, pintores, escritores etc.) de um jogo que eu curti muito, que chamávamos de quartetos. Ela era analfabeta e ignorante, mas tinha cultura, a cultura popular do meio onde nasceu e se criou, que, na época, era uma cultura velha de séculos. Esse acervo, que ela passou todo pra meu pai, está disponível no volume 2 da Coletânea, e se compõe sobretudo de trovas populares. Assim como a Dona Dalmácia da *Ceia*, a nossa Dalmácia também era capaz de recitar uma trova a partir de um mote. Mas o nome dela tem um papel simbólico significativo na obra. Considero-o um lembrete intertextual de que foi numa cidade da Dalmácia, antiga província balcânica, que em 1650 se descobriu um fragmento do *Satyricon* contendo uma parte da obra que faltava nos manuscritos anteriores, e essa parte era justamente o episódio da ceia de Trimálquio. Essa associação histórica entre a Dalmácia e Petrônio fazia a presença da minha Dalmácia no romance uma questão de honra. Essa coincidência é mais um exemplo a comprovar o que já disse no romance *Sueli*: o Acaso é um grande poeta.

15. Além do folclore, A ceia dominicana tem outras contribuições de seu pai?

Reconheço que eu seria outro escritor, bem diferente do que sou, ou nem seria escritor, se não fosse a influência que meu pai exerceu sobre mim de vários modos, e creio que isso se aplica também a meu irmão Luiz Guilherme. Em primeiro lugar, essa influência se deu pelo constante estímulo que recebi dele desde as primeiras, e toscas, produções da adolescência. Em segundo lugar, a ironia, que sempre alardeio como característica fundamental dos meus textos: se a sua importância em toda criação literária foi descobrir em Richard Hughes (citado mais acima), quem me preparou, em casa mesmo, desde criança, pra descobri-la e usá-la foi meu pai, irônico (e auto-irônico) por excelência. Em terceiro lugar, a biblioteca paterna serviu de fonte de consulta pra certos projetos numa época em que ainda não havia a internet. Isso se aplica à bibliografia sobre a Idade Média utilizada pra escrever a *Crônica de Malemort*, bem como àquela que me ajudou na linguagem das *Mãos no fogo* (a lírica popular ibérica dos séculos XV e XVI) e especialmente no projeto – forma e conteúdo – dos contos de Má notícia para o pai da criança, que dialogam com textos do romanceiro tradicional português, um segmento da literatura oral. Meu pai tinha essas fontes todas e eu as aproveitei como ferramentas pra escrever minha ficção. No caso da Ceia dominicana, não é só o folclore que devo a meu pai. Entre os seus papéis há um número incalculável de itens, entre recortes de jornais e revistas e documentos diversos, que serviram de fonte pra alguns tópicos curiosos do romance. Foi no meio dessa papelada que encontrei uma correspondência encaminhada ao Instituto Histórico sobre o naufrágio de um brigue norueguês em Nova Almeida; um velho recorte da revista *Vamos Ler!* em que me deparei com informações sobre o dicionário setecentista que no romance fica sendo o dicionário do acadêmico Cócix de Lima; um velho número da *Revista de Língua Portuguesa* de onde extraí as citações de uma gramática portuguesa em verso; sem esquecer um recorte de *A Gazeta* em que meu pai dava à Prefeitura a sugestão de plantar placas em vários pontos de Vitória com a legenda “Daqui se avista o Convento da Penha”, coisa só possível naquela época e vindo de alguém cujo amor pelas coisas do Espírito Santo não tinha limites. Em suma, sinto que meu pai, Guilherme Santos Neves, está sempre muito presente em toda a literatura que produzi, com exceção, talvez, de *Kitty aos 22*.



NA VALISE
DESSE MÊS
VOCÊ LÊ
TEXTOS DE:

FERNANDA BARATA
Menina Moça

DANIEL FERNANDES
Naufração do Barco nas Rochas

GUILHERME REBÊLO
Metafísica

BRUNELLA BRUNELLO
Velhos Carnavais

SIDNEY SPACINI
Relato nº1

LEANDRO REIS
O Som do Silêncio

RAFAEL ABREU
Fotografia

LUCAS ROCHA
Gregório

VINÍCIUS ALTOÉ
Jogo Invertido



fernanda barata



I.

MENINA MOÇA

A menina moça dos olhos castanhos tirava as roupas, uma a uma, do emaranhado de varais azuis. Olhava o chão, caracachento de uma receita de britas e cimento. Uma massa seca, toda furinhos, embolorada por musgos, essência de lodo. Apanhada uma roupa, punha-a dobrada na bacia com a elegância de quem já encheu muitos varais e os esvaziou todos.

O quintal era murado com a precaução dos que vivem confinados em mundo só. Paredes, arranhadoras. O topo, salpicado de profundos espinhos e de vãos escorregadios. Os muros, no entanto, não tinham teto. Dispunham-se como uma caixa de lados tortos e sem tampa, mas com a altura necessária para não permitir o escape de nada que fosse confinado em seu interior, nem a entrada do que quisesse machucar por fora.

A menina moça dos cabelos finos, ondulados, tirava as roupas com o refino da paciência. Punha os pregadores no pote de pregadores. Um a um. Aos montinhos. As roupas, na bacia de roupas. De um lado. De outro. Em repeteco, até terminada a colheita, olhava para o muro, para a roupa e para o chão. E para o muro, e para a roupa, e para o chão. Até que, por uma curiosidade, por um cansaço, por um descuido, talvez, a menina moça da tez pálida olhou para o céu. E para o céu. E para o céu novamente. E a menina moça dos olhos espantados assim ficou.

Tivera a impressão de estar numa espécie de lago muito incomum ao observar pequenas vidas festejantes. O lago era de águas muito límpidas, mas não se via o fundo, como se aquela fosse a cor original de sua água sem começo e sem fim. Via punhado de girininhos coloridos, amigos de infância, filhotes de pais diferentes. Uns eram filhotes dos pais vermelha e azul. Outros dos preto e amarela. Havia, também, os filhotes dos pais vermelho e branca. Apesar, todos pareciam pertencer à mesma família com seus longos rabos rajados, ora de preto com branco, ora de branco com preto.

Dançavam todos, alegremente, naquelas águas sem fonte, sem foz e sem correnteza. Num momento, em linha longínqua; noutra, ziguezaguezigagueando. A cada momento surgiam novos convidados e a menina moça do olhar encantado sentia secar a boca sem perceber desde quando a havia deixado soltar-se de seu maxilar, este por tanto disciplinado pelos anos de poucas palavras e de menos sorrisos ainda. Sentira-se tão envolvida pela liberdade daquelas águas sem destino que, por momento, saltou de seu cárcere e voou para o alto, mergulhando no lago dos girinos coloridos e sentindo passarem por entre seus braços as águas secas que tanto rubor lhe causaram.

A menina moça do coração disparado voou tão alto e tão fundo que nunca mais voltou.

daniel fernandes



II.

NAUFRÁGIO DO BARCO NAS ROCHAS

O insuportável residia na roupa rasgada atrapalhando os dedos ao piano. Errar, propositalmente, aquela tecla em benefício de outra era um ritual comedidamente satisfatório. O pai morreu assim: sentou ao piano, tocou três ou quatro minutos antes do nariz compor uma última nota, grave, temperando os trastos em quintas, oitavas e terças. Tamparam-lhe os olhos. A partir de então, não mais teria o sossego de sair em meio ao Yizkor, na tarde calorenta, para molhar a cabeça na bica. Nem correr em casa, como quem não quer nada, e colocar no lugar fio por fio do cabelo desgrenhado. A vizinha já havia, por incômoda piedade, tampado todo e qualquer espelho – inclusive aquele escondido na terceira gaveta da escrivaninha, meio quebrado, já como que azarento. Pelo menos não teve que carregar o caixão do pai ladeira a cima, até o terreno da família. O irmão mais velho lhe deu tarefa que julgava menos incômoda. Levasse o piano, cemitério abaixo, para entreter os enlutados. Em ponto extra, orgulhar o mestre do conservatório para um longo discurso sobre a agilidade e destreza de todos os dedos do falecido. Desnecessário: conhecia bem da velocidade com que lhe marcava, ao rosto, a autoridade paterna.

Se tivesse ao menos barba para criar até o sétimo dia! Todo o respeito que lhe ensinavam sobre as lâminas de barbear, os mortos e o pó se reconduziam a uma única questão. Por que obrigar a tocar parte por parte da Scheherazade, se Rimsky-Korsakov proibiu sua interpretação? Por vezes, toda a erudição do mundo lhe parecia tão inútil quanto um talher para peixe. Trancafiar-se em casa, pelos sete dias da shivá, pelo menos o

privava de ter que se esgueirar pela cidade até o conservatório abafado. Aguardaria, de apreço a vagarosidade, cada vela do menorá consumir-se plenamente – esvaindo numa fumaça tardia, pesada. Reflexo do próprio corpo atirado ao chão, esperando esfolar de vez o joelho a cada tentativa de não derrubar o borshot. Até o colchão parecia mais áspero. As costas doeram pelos primeiros dias, não tanto quanto a testa. Parecia que lhe caíam os pregos das tábuas do teto, meio enferrujados, descolando-se da madeira tão facilmente que pareciam feitos de papel.

Descobriria, no quarto dia, que era ainda a sua mãe. Chorava tão compulsivamente que lhe fora conferida duas dávidas: a primeira, de ter apagado, com próprias lágrimas, o pequeno incêndio de uma vela descuidada do Yahrzeit; a segunda, entretanto, com fins mais particulares – sobretudo ao meu irmão, que juntou todo o sal no chão da sinagoga e usou por meses a fio. Na quarta vez que a viúva Alice acordou, seus pulmões já nem doíam. Apenas os pés que pareciam ter criado alguma espécie de escama, bem como as rugas que cada vez mais pareciam guelras. A cama parecia ter envergado com as gotas convergidas para uma ranhura direta ao quarto abaixo. Tanto caíam, tanto incomodavam que na quinta noite ele se levantou e decidiu passar a noite ao piano. Foi tanto mais que ela chorou. Desfez-se devagarinho em água, encharcou os carpetes, inundou os canos e as tubulações. Em pouco tempo, a rua já se assemelhava ao rio Jordão.

Até o erro precisamente mal-posto.

Alice chorou um mar revolto. Brandia furacões, sacolejava em tempestades elétricas. Em pouco, os alicerces da casa já haviam apodrecido – libertando-se feito caravela para o alto dos rodamosinhos. Ao sono intenso, pensando-lhe sobre as pálpebras, só tocava mecanicamente o teclado, desimportante a qual era o som que fariam os martelos – apenas num andatino quasi allegretto. As colinas tornaram-se falésias; os montes, entretanto, fizeram-se de penhascos. Disseram ver até pobres andorinhas ali choradas, perdidas. Ergueram-se logo as pedras, os marinheiros. As tábuas velhas contorciam-se em proa e popa. Não foram pedidas nem mais as outras novecentas e noventa e cinco noites. Nem o nariz precisou chocar-se, como anteontemdeontemdeontem.

guilherme rebêlo



III.

METAFÍSICA

Mosca.

Não sinto os pés ou sinto?

É dor? Me perco entre os não-sei-o-quês.

Fascina. Dor. Lancina. Dor, muita.

Sinto?

Intrusiva, e dor. Cria e Recria.

Mosca.

brunella brunello



IV.

VELHOS CARNAVAIS

Fosse o tempo em que as fotos eram em preto e branco. Fosse o tempo em que o vídeo rodava mais devagar. Fosse o tempo em que ela se fantasiava de princesa ou bailarina. Fosse o tempo em que a praia estava vazia e nós enchíamos os salões de amigos. Fosse o tempo em que as drogas não faziam mal e que a nossa droga era passar noites quentes fumando na areia. Fosse o tempo em que o sol, os confetes e serpentinas eram suficientes para que nos divertíssemos. Fosse o tempo em que a banda passava na rua.

Foi-se o tempo. Fosse outro tempo, eu não esperaria tanto. Tempo, foice da minha juventude. Foice que talhou minhas rugas. Hoje não há mais carnaval. Não há mais minha Colombina. Não há mais calmaria nem serpentinas.

Não há mais o que esperar, além de que a foice passe por mim também. Afinal, o que tempo deixou foram manchas dos meus dias de sol e dores nos joelhos dos bailes que dancei. Marcas das lembranças de uma felicidade hoje distante. A solidão não tem confetes ou serpentinas. A banda não passa mais na rua onde hoje mora um velho, esperando o tempo o levar para o mesmo lugar para onde levou seus velhos carnavais.

sidney spacini



V.

RELATO Nº 1

Ele senta ali no mesmo banco e fica olhando praquela árvore. Todo dia. Não pula nenhum.

Acho que é um carvalho. Não tenho certeza. Qualquer dia eu pergunto pra ele. Foi ele mesmo que plantou ela ali, pelo que me contaram. Mora logo ali na parte antiga do bairro. Quase não se vê gente jovem por lá. Quando tem, é visita. Parece um pedaço de História vivendo por ali. Dizem que essas casas ali tão com os dias contados. Sumirão junto com seus donos.

Pois é. Ele senta daquele jeito ali e não sai por nada. Fica por horas. Parece hipnotizado. Nem pisca. Eu comecei achando isso meio estranho. Tem gente que diz que ele tem problema da cabeça. Outros dizem que ele fica ali dormindo de olho aberto. Eu acredito numa senhorinha que mora na mesma rua que ele há quase tanto tempo quanto ele.

Diz ela que ele era casado. Sem filhos. Tinha lá seus trinta anos a trinta e cinco anos. A esposa era uma dessas loiraças. Do tipo que se vê em filme. Um mulherão mesmo. Ele chegava todo dia muito tarde. Trabalhava ali no porto. Carga e descarga. Estivador sabe? Naquela época as coisas eram mais resolvidas no braço. Sem as mordomias dessas tecnologias que se vê por aí. Era um homem forte. Tava ajudando a construir essa praça. Um acordo entre a prefeitura e o porto. Uma dessas maracutaias que sempre costumam nos bastidores.

Um dia, a mulher dele sumiu. Do nada. Tipo esses caras que saem pra comprar cigarro e abandonam a família? Pois é. A mulher desapareceu. Ele continuou indo pro trabalho. Continuou a vida dele. Terminaram a praça e ele plantou a árvore ali. Voltou pra estiva e tava sempre calado. Vez ou outra ia pra um bordel ali perto do cais. Casar nunca mais casou. Nem ficou de namorico por aí. Deve ter ficado com trauma.

Outra mulher daqui do bairro contou uma história curiosa. Ela mora aqui há menos tempo. Ela contou que um dia, há uns dez anos, ele sentou na grama mesmo. Bem perto da árvore. Ele ficou ali conversando com a árvore por um tempo. Ignorando todos os que passavam, como era de praxe. Quando já era bem tarde, ele caminhou de volta pra casa. Fez de conta que nada tinha acontecido. Eu não vi nada disso acontecer. Comprei esse ponto faz três anos, só. Ouço muitas histórias por aqui. Muita gente de idade. Não dá pra acreditar em tudo o que te contam né?

leandro reis



VI.

O SOM DO SILÊNCIO

Encontrava-se na cama há dias. Não havia razões para sair do quarto, tudo o que precisava estava ao alcan-

ce de suas mãos: uísque, cigarros e violão.

Havia falado muito nos últimos dias. A televisão, a garrafa de uísque e as paredes eram seus principais ouvintes. Às vezes também conversava com o maço de cigarros, mas quanto mais falava, mais tinha vontade de fumar, o que acabava com sua companhia.

Casa grande, cercada por natureza. Sentia-se bucólico naquele lugar. Uma festa poderia durar dias lá, abrigaria muita gente. Mas não via seus amigos há muito tempo, pois pararam de pedir favores a ele.

Esticou-se para apanhar o violão e, com grande esforço, levantou-se da cama. Mas só para se sentar de novo, não tinha forças para ficar de pé. Murmurou algumas palavras e começou a tocar.

A melancolia da música traduzia o estado de seu autor. Queria cantar também, mesmo que a letra não estivesse pronta. Costumava ter uma voz suave e doce, mas suas escolhas a deixaram arrastada e amarga. Ela não demorou a aparecer, afinal era sua música. Ele não tinha certeza se era real, mas sentia sua presença ali. Teve medo de olhar e questionar sua sanidade, então manteve a cabeça baixa.

A canção se tornou mais rápida e o volume de sua voz aumentou. A emoção transbordava e ele a respeitava, deixando-a no comando de suas ações. Não havia mais cifras ou letra. Era a primeira vez que a frase que repetia há anos fazia sentido: "Rock n' roll é liberdade".

Teve coragem para levantar a cabeça. Não era alucinação, ela estava lá, ajoelhada e em prantos. Após olhar para a moça, retomou a música com aquela intensidade que havia deixado nos palcos. Quando sua garganta parecia não mais aguentar, deu um grito de fúria e terminou a música com os acordes mais sombrios que já compusera.

Seu olhar foi mais uma vez atraído para o dela. Percebeu que o que a acompanhava agora não era mais o brilho nos olhos, mas sim as lágrimas. Se ainda pudesse sentir algo, sentiria-se culpado.

Olhos nos olhos; sempre se comunicaram assim. Palavras não eram necessárias. Com o silêncio como testemunha, deram-se adeus.

rafael abreu



VII.

FOTOGRAFIA

Aí vem esse fotógrafo inconveniente, tira a câmera da bolsa e diz Faz uma pose, assim, sem mais nem menos;

Ele acha engraçado que eu esteja aqui. Essa porra dessa raça acha hilário quando você tá num hospital, doença é fotogênica.

É claro que ajuda o fato de eu estar do lado da placa que diz que é proibido fumar, aparentemente porque há oxigênio em uso, seja lá o que isso queira dizer. Acho que se fosse daquelas clássicas, com o cigarrinho e um traço vermelho categórico em cima, ele ia achar que era demais. Erros de composição e essas coisas.

Odeio essa foto. O filho da puta me fez uma bicha aidética, escrota, dessas quase santas, o rosto irritado e um pouco valente, a agulha no braço, aquela camisola ridícula que te dão quando você chega. E eu inevitavelmente magro, mas não muito – o que me faz doente mesmo é o aparato. Não que isso importe, ele pensa enquadramento, equilíbrio, o diabo a quatro e fica tudo por isso mesmo.

Então eu, que não tenho muito que fazer e, se tivesse, não faria, fico parado. Olhando pra lente com aquela cara de desdém que ele me deu como obrigação, tirando meu cigarro de não sei onde e preparando o fósforo.

Daí ao futuro é um clique, um Muito obrigado e um paciente fumando clandestinamente na sala perdida de um pronto-socorro.

lucas rocha



VIII.

GREGÓRIO

- cara, eu decidi.
- decidiu o que?
- vou me matar.

o cubículo pareceu maior e mais silencioso, mesmo com as raivosas batidas da mão de gregório sobre o teclado. ronaldo gira sua cadeira de couro, enquanto gregório ainda fita o monitor e golpeia as teclas.

- tá ficando louco, homem?
- nada. só quero provar minha teoria?
- que teoria?
- minha teoria.
- fala logo, cacete.

gregório calmamente gira a cadeira e boceja.

- é mais ou menos assim: sabe o que dizem sobre fantasmas?
- o que? - diz ronaldo, com descaso.
- é que eles ainda têm coisas pra fazer nesse mundo, então eles não podem abandoná-lo.
- tá, e daí?
- daí - gregório se entusiasma - vem minha teoria. de que se eu tiver algo que me prenda, eu volto.
- ah, deixa de viadagem.
- não, não, vê só! já fiz uma porrada de coisas nessa vida. já senti muita raiva, já amei muito a alícia, e sofri muito quando ela me abandonou levando meu cachorro e metade de tudo que eu tinha...na verdade, é mais um teste pra saber se isso foi de verdade ou se foram só ilusões criadas pela minha imaginação, de quando eu era criança e via tevê. essa é minha dúvida. eu vivi de verdade? acho que só vou saber tentando morrer.
- é, tá, faz o que você quiser. - ronaldo diz, desistindo de duvidar que era só uma brincadeira de mal gosto - mas entrega o relatório amanhã. e para de ler essas merdas de espiritismo.
- se é assim, sim. - voltando-se ao computador.

sete da noite. gregório desliga seu computador, pega na garagem seu carro, e vai para seu apartamento, no oitavo andar de um prédio de um bairro de classe média qualquer. chegando em casa, toma um gole de café frio, e entra em seu quarto. junta todas as porcarias que têm uma estória, retratos, cartas...enfim, tudo. faz um círculo ao redor de si mesmo no chão da sala de estar, e começa a se lembrar de tudo que ele é.

quarenta minutos depois, ele se levanta, abre a janela, posiciona os pés descalços no parapeito e salta.

não sei exatamente o que a maior parte das pessoas pensa quando se joga de um prédio. mas gregório, ao atingir a 246 quilômetros por hora um táxi estacionado indevidamente na frente da garagem de seu prédio, apenas um pensamento passou pela cabeça de gregório. algo que, estranhamente, ele não contestara até então:

- será que fantasmas existem?



IX.

JOGO INVERTIDO

Sinceridade? De você? Faz-me rir. A sua sinceridade é tão pragmática quanto, bem, quanto não sei o quê, mas que é, é. O seu discurso mais-do-mesmo não cola aqui, eu já te disse. Essa sua mania de se isentar das circunstâncias (e também das conseqüências) não vai te levar a nada, a lugar nenhum. Comigo ou com quem que seja. Seja humana para assumir o que você provoca e o que você não provoca. Eu gosto de você. E isso é tão difícil de perceber. É tão difícil perceber que eu tenho ciúmes, sim. É tão difícil perceber que, na verdade, em vez dele, eu é que gostaria de estar ao seu lado nas fotos. É tão difícil perceber que o que eu dizia antes “da revelação” (depois de você ter invadido os meus pensamentos mais abissais) era, grosso modo, o avesso do propósito, o fogo de palha da negação. O bom senso! É tão difícil enxergar que o que eu sou é, em grande parte, o reflexo do que você é. E vice-versa. É tão difícil perceber que, sim, é muito doloroso para ambos essa situação de mesquinaria.

Para mim não é difícil perceber, mais uma vez, o seu pragmatismo (que, por uns dias, chamei de incoerência). Não é sinceridade de me desejar boas férias e a companhia de alguém que me entenda de verdade. Absolutamente. Isso é o reflexo da catarse que você andou adquirindo nas quermesses mais obtusas.

Sinto-me surrado pelos seus espetáculos e pela sua incapacidade de se adaptar minimamente a mim. Cabe aqui lembrar que não foram poucas as oportunidades que tive para te apunhalar, te massacrar, te matar sentimental e psicologicamente: soaria como uma traição. Se há sentimento em mim, as férias darão cabo de exterminá-lo. Aviso que estou partindo para a próxima. Aviso que tentei, contudo, do meu jeito, externar o meu carinho e a minha intenção romântica. Mas (tomo do meu veneno?) não posso suportar a carga que é vê-la sendo

com outra pessoa justamente aquilo que eu esperava que fosse comigo. Discreta. Comediada. Madura. Sinto-me como o “test drive” que deu certo. Sinto-me a ferramenta da sua lapidação. Sinto-me o “esquentão”. Sinto-me cansado.

Confesso que a mágoa é meu combustível para escrever isto: você me fez passar vergonha em público, exigiu sacrifícios, me expôs para a sua família e me cerceou o quanto pôde com o seu ciúme, para, enfim, perceber “que eu nunca baixaria a guarda”. Estúpida interpretação de mim. Talvez eu tenha errado em dar seqüência, comovido pelo seu choro e pelo seu exagero, logo nas primeiras semanas morando juntos, no nosso pacto de “quase-romance”. Mas lembro que fora uma exigência emocional sua, voraz e canina, para que permanecêssemos sob o mesmo teto.

Evidentemente, se estivéssemos em situações contrárias, eu não estaria mais entre seus amigos, você não estaria mais falando comigo e, bem provável, a minha caveira já estaria pronta e na iminência da cremação. Evidentemente. Minhas palavras são filetes, pequenos e desorientados, de algo que batalharei para eliminar de mim. Não suporto. Não me sinto bem.

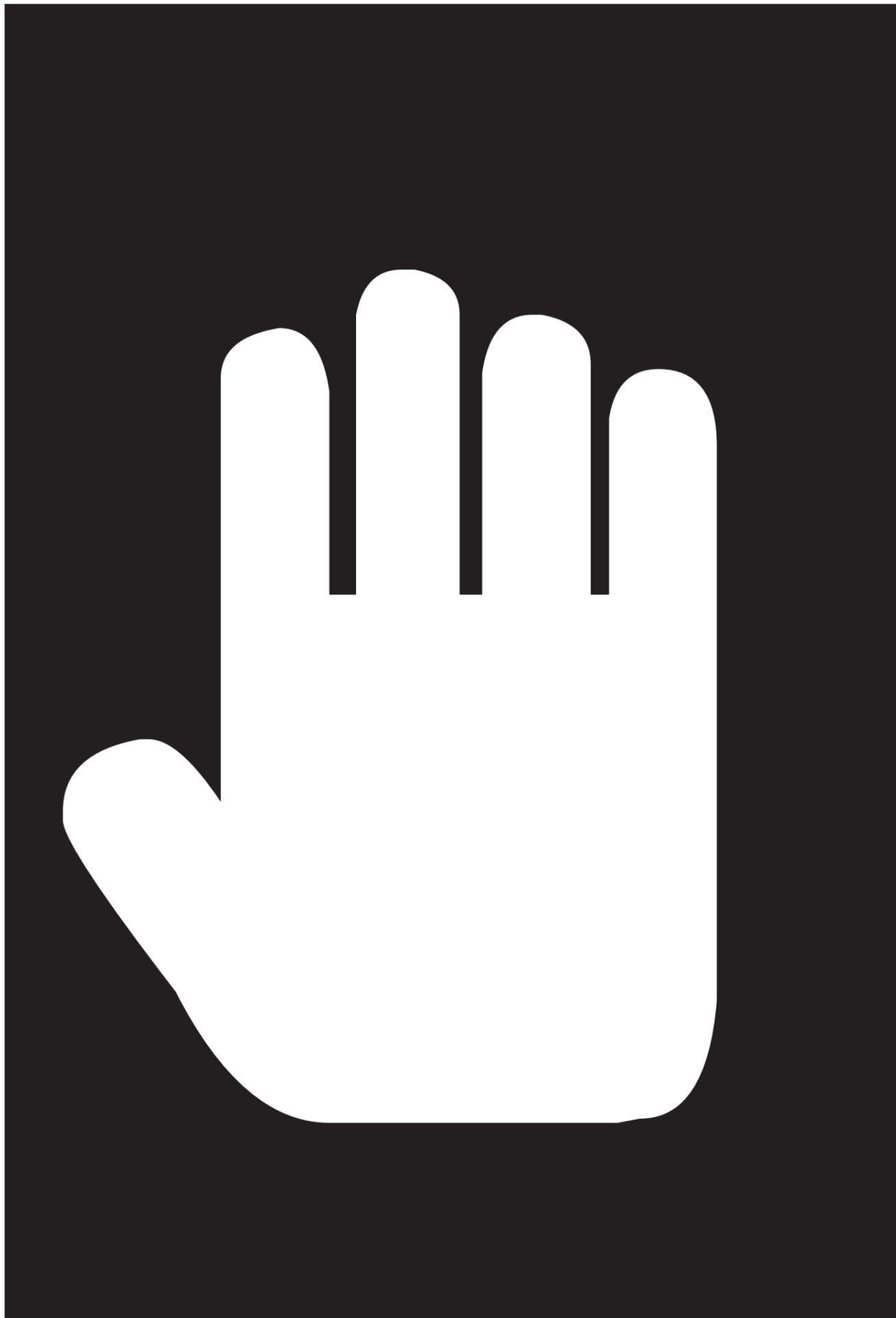
Não admitirei que você se isente das conseqüências: as coisas estão como estão porque você tem grande participação, não porque eu as trouxe até aqui, te guiando a fazê-las. Bobagem! É de irritar o seu discurso: “assim estou porque você o quis”. É um erro de interpretação cabal! Uma falta de respeito grandiosa e sem possibilidade de mensurar. Triste.

Você terminou com um “eu espero que a gente consiga superar isso”, como se estivesse querendo dizer que as cartas já estão na mesa: um novo jogo se inicia. Saiba que não quero mais jogar com você. Nem com seus lábios, tampouco com seu sexo. Menos ainda com a sua amizade. A situação é tão peculiar, que, quanto a isso, decido-me pelo oito ou oitenta. Não mereço as migalhas amassadas de uma cidadã que surrou o quanto pôde e partiu com a mais pura boa vontade para a próxima. Retiro minhas letras de campo. Meu celular. Meu e-mail. Nada do surrado está disponível para o factual. O surrado vai se renovar. E, quando da consumação do factual, que Deus ou sei lá qual místico não a permita sentir saudade do que um dia já foi seu. Bom jogo a você.

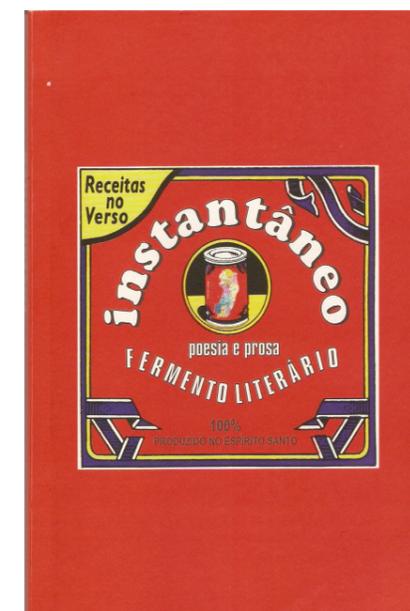
dossier

Aqui e Agora

CURADORIA DE ERLY VIEIRA JR.

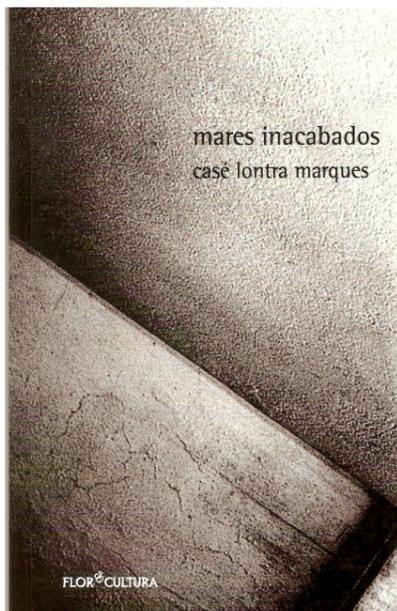


1.



LENTES. Protegido pelas lentes de meus óculos escuros, o braseiro em que está mergulhado o mundo fica parcialmente fora, noutra esfera. Quando a emanção quase incandescente da atmosfera gasosa nos chega casada com o estrondo silencioso da claridade, o lado de fora de nosso corpo é recebido menos ao nosso redor e mais através de nós. Através, e não dentro ou fora, entende? No meio desta tempestade cósmica não resta interioridade alguma, tudo em nós é poro, e até os ossos sentem o abrasamento da luz. É inconcebível que alguém consiga guardar algo só para si, segredos, numa situação destas: conservar uma imagem que se passa apenas detrás da testa ou no “fundo do coração”. O que se desenrola diante de nós, quando as escuras lentes quebram este arrastão sensorial, torna-se, em parte ao menos, uma bela aparência, um sonho, uma magnífica cortina em três vastas dimensões, e uma parte nossa de tudo se destaca, criando quase um dentro e um fora, e nos sentimos como alguém que se instala numa cadeira na beira de um vulcão ou de um cais, enquanto manobra à nossa frente monstruoso petroleiro. Este discreto conluio com o umbral sombreado de uma casa que não existe é o sentido que habita aquele que pensa em escrever um diário, um livro de ocorrências. Neste instante, e só nele, torno minha uma frase que li: “se não houvesse o sonho, não existiriam os óculos escuros”.

BERNARDO BARROS COELHO é professor do Departamento de Filosofia da UFES, em Vitória, onde mora desde 1993. Em 2006, publicou o livro de ensaios *Olhar e narrativa: leituras benjaminianas* (Edufes) e também o romance *O fotógrafo da primeira-dama* (Secult-ES). Este texto foi extraído da coletânea *Instantâneo* (Secult-ES, 2005).



Através da vidraça trincada, dá pra ver a cara calma
da calçada. Prédios em vez de asas.

Quando escurecer, o corpo edificará sua cota
de argamassa. Algo branco

seduz a cidade com solidez de fumaça.

Depois de respirar, aceito

o sol na medida exata do furo de uma bala.

CASÉ LONTRA MARQUES nasceu em 13 de novembro de 1985, em Volta Redonda (RJ). Atualmente, mora em Vitória (ES). Publicou Campo de ampliação (Lumme Editor, 2009) e Mares inacabados (Flor&cultura, 2008), do qual faz parte este poema.

0002.

Last Exit Before Reality

Road Ends Now



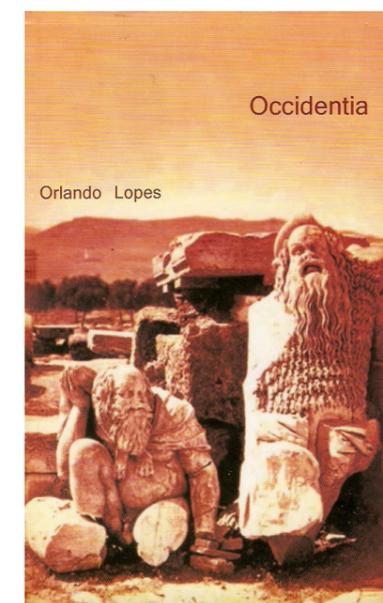
Go Here

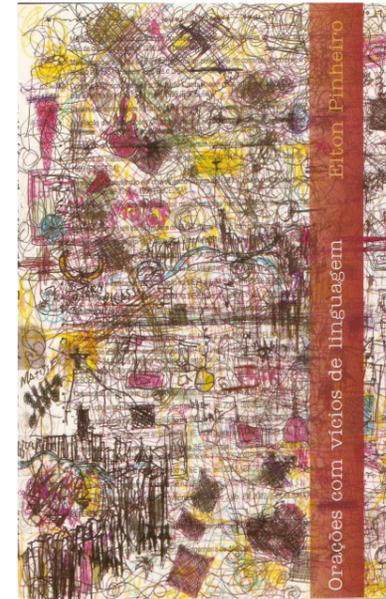
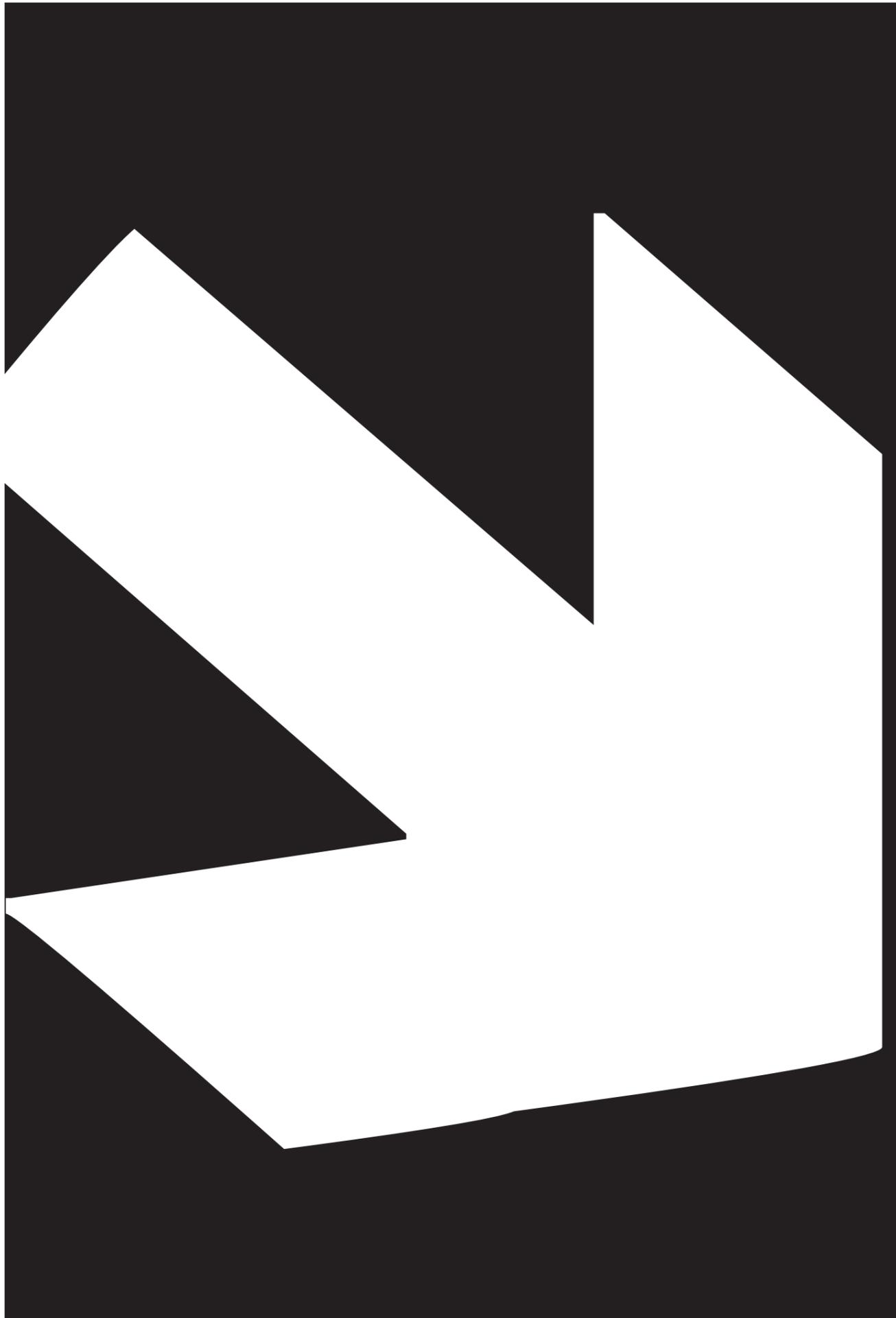




ORLANDO LOPES (Guarapari, 1972), é Doutor em Literatura Comparada pela UERJ e publicou os livros de poemas Hardcore blues: Apocalyptic songs (Edufes, 1993) e Occidentia (Ed. Huapaya, 2007), do qual foi extraído este poema.

Aqui
à minha frente
o oceano em vão: separa duas índias
isola duas áfrias
(estende-se o palco da ação divina
de um lado a brisa que afaga
de outro a crina que fustiga
cabeças de pedras
ou estirões de areia
infinita)
eu (vivo a vida inteira os limites da oceania
desta península que ameaça sempre invadir a
água
mas deixa o mar escorrer (cardumes caóticos berços viveiros)
entre as pernas
e entre os braços
para dentro
para sempre)
sou paralelo
como farelo de alegria
tenho irmãos naquela ponta que o meu olho ronda?
que latitudes de querer quererão eles que eu fixe
(a que bel-prazer
de que
de qual
sextante alegre ou triste)?





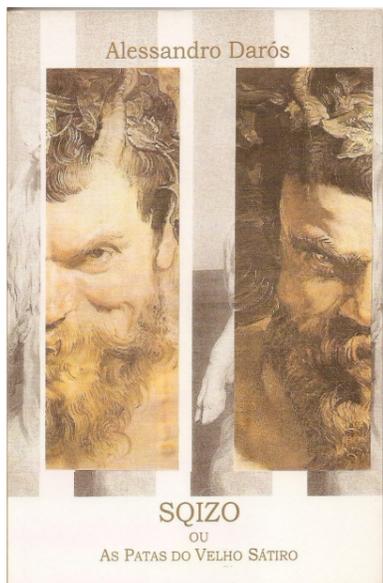
CIVIT

; passarás a noite neste campo
ao longe,
</ avenida e
carros>
As nuvens suspendem
grandes lagos
passarás a noite
; a fria noite das eras
Posto de gasolina
batizada
e teus sonhos
campeiam
Mas a lenta Kombi se arrasta
; outros circulares
a molestem sob
o frio
Passarás a noite neste campo
(imenso coração de homem)

ELTON PINHEIRO (1969) é poeta e músico e mantém o blog polifOnia (<http://eltonpinheiro.blogspot.com>). Este poema é parte de seu primeiro livro *Orações com vícios de linguagem* (Secult-ES, 2008).



5.



Não sei o que me deu e mesmo se me deu, algo; só sei, e isso não é pouco, que me deitei numa cama de desassossego e com um manto de silêncio me cobri, como quem brinca de esconder-se, sob lençóis, dos monstros, que em sonhos, nos visitam, à infância, em terror de escuridão; como fantasma, plasmei minhas vestes num mutismo sólido, na frieza do bronze que pende monumental das praças, em busto; e te tornaste confusa ante minha concha; e tornei-me um fardo pesado demais quando presente; e disseste “queres tempo?” como o viciado quer assegurar-se da última gota; e a cada investida tua me perturbava ainda uma vez o teu olhar inquiridor, os teus braços que envolviam meu corpo e me acariciavam em pêlos os teus medos; “não vês que me sufocas?”, te arguo de pronto; e em segundos tu te compreendes demasiado presente e eu, no meu esconderijo, feito criança, sofro um medo adolescente diante do novo; morro a cada instante um pouco de “nós dois”; e me alimento de poesia, agarrado neste pêndulo rítmico da palavra exalada de meus temores, cuspida de minhas glândulas; e escrevo essa minha sina, a cada vez, como aquilo que desejo; e apago os olhos de outra cor por pura dissimulação; e me insuporto nos meus anseios, em meus desejos, em minha dor, vendo tudo se repetir ainda uma vez, cíclico e amoral. E dia desses, brinco simpático, “vou comprar cigarros, mas fique tranqüila, volto”.

ALESSANDRO DARÓS (Resplendor, MG, 1972) reside no Espírito Santo há cerca de 30 anos. Licenciado em Filosofia e mestre em Estudos Literários pela Ufes, é autor do livro *Sqizo ou as patas do velho sátiro* (Secult-ES, 2006), do qual este texto faz parte.

O vinil agarrado revela a música torta do improvisado dos aparelhos de som.

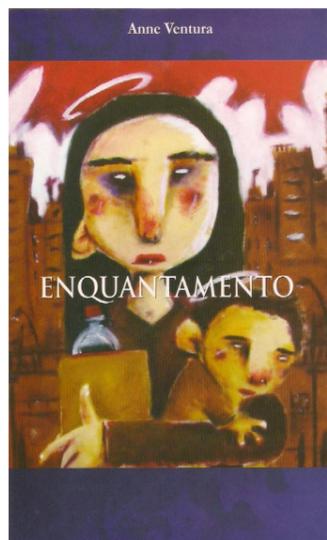
Num eco tolo, o silêncio rebate a realidade e suporta o som que bem quisermos fazer. A microfonia louca dos aparelhos uns virados para os outros é o uivo do sossego querendo virar música. Coisas que tem outra dentro – enigma. – tipo o fogo o infinito e um bom filme.

Tocar para alguém é como dançar com a alma. É como ter a certeza do eterno porre. É como uma viagem longa e sem fim. Cantar então, é elevar a garganta a coração e nesse compasso embalar o sangue que vibra nas veias das notas.

FABRÍCIO NORONHA, artista, poeta, realizador audiovisual, é autor de *Sangue Som Fogo* (Ed. Huapaya, 2007) e vocalista do grupo poético-musical *Sol na Garganta do Futuro*.



seis.



IMAGINE QUE VOCÊ É UM PEIXE. Então deve ler isto muito rápido porque possui poucos segundos de memória. Já se esqueceu? Você é um peixe. Não está no mar, pois há várias gerações sua família está sendo criada em pequenos oceanos de vidro. Não fique triste, nem se lembra mais de quando havia um mar, primeiro por ter nascido em um aquário. Segundo porque não é dada aos peixes a lembrança tênue de um instinto. É preciso de muita memória para ser instintivo, saber do mar que não se conhece. Não há terceiro, não quero complicar as coisas para você, que é um peixe. O coração de um ouriço bate em média 300 vezes por minuto, e o seu? Para você não há minutos, só há o instante no qual vive, pouco antes, pouco depois. E assim vai desenhando uma linha do tempo que se apaga logo atrás de sua cauda. Sou sua proprietária, foi brinde de uma exposição animal a qual visitei com meu filho há alguns dias. Era, então, um peixe em um saco. Possivelmente olhou atônito para o dedo infantil tentando lhe tocar através do plástico e tentou

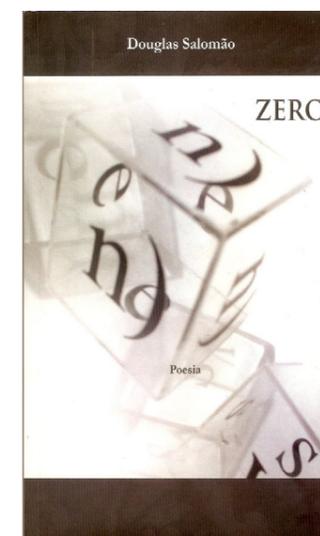
inútil e desesperadamente tirar alguma conclusão da sua minúscula cabeça, de peixe. Meu filho já se cansou da entediante brincadeira de lhe observar. Na verdade, você nem tem um aquário, está em uma jarra, o que faz do seu mundo ainda melhor. É um peixe e precisaria de uma bomba de ar, mas não a tem. Decidi esta manhã que não vou lhe dedicar dinheiro algum, porque você não serve para nada, a não ser para o esquecimento. Então você, que é um peixe, está morrendo. Talvez por termos um cão, ou porque muito mais vale experimentar-lhe em lugar de fingir que existe. Você, por pouco, não é nada. Posso animar-lhe dizendo que tem belas escamas e cor brilhante, mas na verdade é o resto dos peixes, os separados para brinde não devem valer muita coisa. Aliás, algum outro colega seu mordeu uma de suas nadadeiras, mas não importa, você não se lembra de quem foi, nem um motivo para o drama. Pode ser até que se angustie com isso, pois o ferimento está lhe acompanhando em cada momento presente. Pensando bem não há qualquer angústia possível, porque à nadadeira mordida não precede nada em sua memória. Então só tem isso, você, um peixe machucado. Não há outro de sua espécie para lhe servir de reflexo, somente eu, a quem encara enquanto se sente sufocar. Está sozinho e tenta se lembrar de que isso você é um peixe. Suas guelras batem lenta e profundamente e o mais fascinante é supor: se eu fosse você, sofreria de forma insuportável! No entanto não sou e, apesar de todos os suplícios pelos quais lhe fizeram passar em sua curta vida, de peixe, você não sofre. É certo que sinta alguma dor, pois com migalhas de pão dormido tenho prolongado o quanto posso a sua morte. Na verdade, só deve se recordar de estar morrendo desde alguns segundos. Mesmo assim, para provar minha pouca, mas convicta piedade, só deve se recordar de estar morrendo desde alguns segundos. Mesmo assim, para provar minha pouca, mas convicta piedade, ofereço-lhe, agora, uma dose deste whisky batizado, meu caro amigo peixe. E não me olhe com essa cara quase morta, você não faz idéia. Mesmo que eu lhe contasse, nunca saberia. Acalme-se, você já nada meio de lado, isso não deve ser difícil, há tão pouca vida para passar diante dos seus olhos. Deixe-se levar para superfície onde nenhum deus lhe espera. Quando estiver boiando, prometo, não irei debochar de seu destino. Invejo-lhe, porque nunca pude ser peixe.

ANNE VENTURA (Vitória, 1981) é escritora, professora e doutoranda em Cultura pela Universidade de Aveiro. Este conto é parte de seu primeiro livro, *Enquantamentos* (Secult-ES, 2006).

se
7e

VII1008

8.



EXISTE UM CORPO QUE VAZA

existe um lugar no corpo que vaza
existe um lugar na ausência que afaga
existe um lugar na fala que sangra
existe um lugar no olho que cega
existe um lugar na palavra que brota
existe um lugar no tempo que escapa
existe um lugar na arte que jorra
há pontes para todos

DOUGLAS SALOMÃO é artista plástico, poeta e Mestre em Estudos Literários pela Ufes. Publicou Zero (Secult-ES, 2006), no qual este poema está incluído.

nove.

1/4

QUARTO DE TORQUATO

Por vezes ando assustado, como os pombos.

Porque corro,

concordo com o boicote ao estado normal das coisas.

Tiro do meu afeto todos meus segredos

- quinhões de coragem e medo -

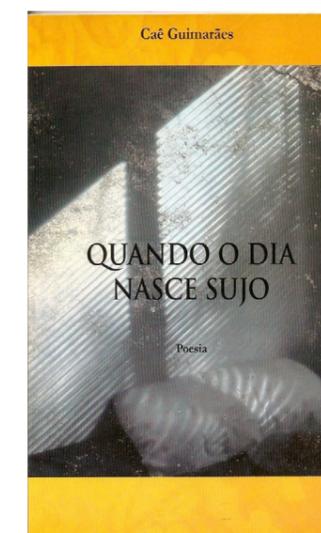
olho desatento para os lados,

e impaciente não me percebo em lugar nenhum.

Não acredito mais no amor de múmias.

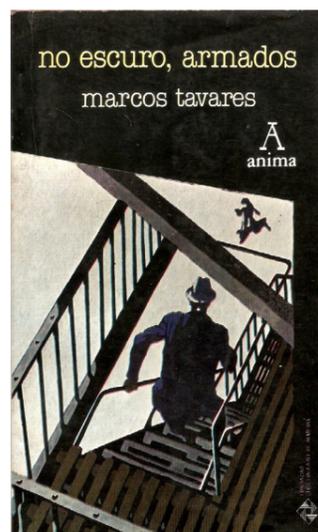
Elas também fedem sob as gazes encardidas.

Múmias podem até ser divertidas.



CAÊ GUIMARÃES (Rio de Janeiro, 1970) vive no Espírito Santo desde 1974. É jornalista, poeta e editor. Publicou *Por Baixo da Pele Fria* (poesia - 1997) e *Entalhe Final* (conto - 1999), ambos por Massao Ohno Editor. Este poema faz parte do livro *Quando o Dia Nasce Sujo* (Secult-ES), publicado em 2006.

X.



FROM DORES DO RIO PRETO WITH LOVE

Porque eu poderia estar em frente ao Big Bem e não estou, estou diante do relógio da matriz católica a ver o tempo passar e não posso me afogar nas águas do Tamisa porque o rio que corre nesta cidade, limitando-a, é o rio Preto, e porque é meio-dia e estou a ver o tempo no relógio, não esqueço que não estou no coração de Nova York, e estas pessoas que passam, poucas, me acenam porque não estou sobre a ponte sobre o Hudson nem estou pronto para o mergulho com uma pedra amarrada ao pescoço. Porque não posso me lançar do último andar do Empire State estou na praça ao meio-dia nesta cidade de poucos habitantes, e não posso me lançar de andar algum porque nenhum edifício está situado nesta latitude, e meu coração me atrapalha as pernas. Porque não empunho um revólver apontado ao meu próprio ouvido, estou nesta cidade, sendo todos muito discretos, porque estou na praça da matriz católica e não estou na catedral de Notre Dame nem estou no Louvre a ver minha própria imagem de cera. E como não posso ver a baía de Vitória nem a baía dos Porcos, estou com um míssil apontado para o meu miocárdio, enquanto a moça dos Correios me anuncia a chegada de uma carta que poderia vir de Londres, Berlim ou Paris, mas não. Porque estou com um pé aqui e outro ali, um num Estado, outro no outro, um rio corre entre minhas pernas e corta-me o coração banhado, um rio doce corre. E com não estou com os olhos banhados de lágrimas, um rio core em meu rosto e prossegue sua história neste mapa de lembranças, porque Hong Kong está muito longe de mim, está longe e não devo me apressar para a hora da morte porque sei que um franco atirador me tem por alvo e não entrincheirado estou neste lugar assim como estive em Dallas, quando sobre mim caiu pesado sono, e o sonho veio. E estive perto da solidão, em Arizona, aqui. E pesada solidão desaba sobre meu chapéu, e tenho meu lugar à sombra, longe do sol, longe assim, agora.

MARCOS TAVARES (1957) é autor do livro de poemas GEMAGEM (Ed. Flor&Cultura, 2006) e da coletânea de contos No escuro, armados (FCAA/Ufes, 1987), da qual este conto faz parte.



vida literária

1. O poema e a música ao pé da letra. É assim que o programa *Vive Verso* chega pelas ondas do rádio aos ouvintes. Veiculado pela rádio Universitária FM (104,7), a atração vai ao ar toda quarta-feira, às 20H. Com apresentação de Ítalo Galiza e Jamille Ghil, a intenção, segundo os próprios, é chocar – e eles conseguem! Poesia e boa música conectadas? *Vice Verso* é a indicação.

2. O site Tertúlia (<http://tiny.cc/3V7cL>) realiza divulgação e venda de obras literárias capixabas, além de veicular informações sobre a literatura produzida no Espírito Santo. A contribuição do Tertúlia consiste em impedir que algumas obras capixabas caiam no esquecimento, devido aos problemas de distribuição e divulgação dos livros. O site não possui fins lucrativos.

3. Na categoria Literatura, a vencedora do Prêmio Omelete Marginal 2009 foi a escritora Milena Paixão. *Catar-se* é o primeiro livro da autora – o qual reúne poesias e pequenos contos – e foi contemplado com a premiação no mesmo ano em que foi lançado. “Cachoeirenses curtidados pelo calor bom de 25 fevereiro”, Milena sente-se lisonjeada pelo reconhecimento de seu trabalho – muito bem executado, por sinal.

4. Por falar em lançamentos, o romance *Histórias curtas para Mariana M*, de Francisco Grijó, parte de uma trama aparentemente policial, em torno de um crime acontecido na Vitória há meio século, para traçar, nas palavras de Luiz Guilherme Santos Neves, “literatura pura, escrita em linguagem vigorosa e escorreita”. Editado pela Flor&Cultura, este é o segundo romance de Grijó, que também publicou quatro livros de contos (um deles em co-autoria) e mantém o blog *Ipsis Litteris* (<http://bit.ly/acJpyy>). Aliás, um dos contos de seu livro anterior, *Licantropo*, deu origem ao curta-metragem *Musculatura*, do brasileiro Érico Rassi, que pode ser conferido no YouTube

Parte I: <http://bit.ly/cQ9EHV>

Parte II: <http://bit.ly/9Mm8Ry>

5. E o curta-metragem *Avenca* (<http://bit.ly/9htat1>), de Erly Vieira Jr, segue sua carreira nos festivais brasileiros. Inspirado em dois po-

emas do capixaba Douglas Salomão, o filme foi o único trabalho capixaba selecionado para a Mostra do Filme Livre, que se realiza entre 23 de março e 08 de abril no CCBB do Rio de Janeiro.

6. E fica a dica da escritora Anne Ventura: O Colectivo Silêncio da Gaveta convoca poetas de todas as línguas a enviarem um, dois ou três poemas, para a instalação poética “Entre o Livro e a Liberdade”, que acontece entre os dias 23 e 25 de abril de 2010, no jardim da Avenida Júlio Graça em Vila do Conde, Portugal. No ano passado, o grupo colocou mais de dois mil poemas em cerca de duzentas árvores desse jardim, em comemoração ao Dia Mundial da Poesia (21 de março). Este ano, pretende-se fazer com que os poemas ergam-se do chão, “como girassóis à procura do leitor”. Os textos (no máximo uma folha tamanho A4 cada) devem ser enviados para: fontesnovas@hotmail.com, vasques.manuel@gmail.com, silenciomadagaveta@gmail.com. Já a instalação poética “Dez Passos Depois das Árvores”, realizada em 2009, pode ser vista no blog: <http://bit.ly/bE0g0j>

7. Outro lançamento que já está nas lojas desde novembro é o segundo livro da escritora Mara Coradello (<http://bit.ly/9A9yTG>). Editado pela Edufes, *Armazém dos afetos* reúne as crônicas publicadas pela autora no jornal A Gazeta durante quatro anos. A ilustração de capa é de David Caetano e o livro é resultante da premiação Taru 2007 (categoria Literatura), tendo sido parcialmente financiado com recursos da Lei Rubem Braga.

8. Dentre os acontecimentos que movimentaram o cenário literário capixaba no final de 2009, destaca-se a chegada de uma novo selo editorial: as Edições Cossa (<http://bit.ly/bAnusa>). Capitaneada por Saulo Ribeiro e Rodrigo Caldeira, a editora centrará seu foco em livros inéditos ou apenas publicados na internet, bem como reedições de livros que por um motivo ou outro limitaram-se à primeira tiragem. Os dois primeiros títulos de seu catálogo (que ainda este ano deve ser ampliado por outras quatro obras) são o texto da peça teatral *Cárcere*, de Saulo Ribeiro e Vinícius Piedade, e o livro de poemas *A fábrica*, de Danilo Ferraz, lançado no Teatro Municipal de Vila Velha, em dezembro.



iblioteca básica

1. Miguel Marvillá

Por Erly Vieira Jr.

Em 1988, Miguel Marvillá publicou seu único livro de contos: *Os mortos estão no living*. Em 2006, o livro voltou às livrarias, com direito a novo projeto gráfico e indicação ao Vest-Ufes 2007.

Dessa vez, os “mortos” ressurgiram com direito a uma terceira parte (“Faixa-bônus”), que amplia as discussões apresentadas nas duas seções anteriores, “Os mortos” e “Os outros” (no caso, os que não estão mortos, ou que juram não estar). Mais que falar da morte propriamente dita, o livro trabalha com a temática da finitude: fim de um ciclo, de convenções, de liberdades, de relacionamentos afetivos, de pequenas esperanças. Uma sucessão de pequenas “mortes” metafóricas, mesmo quando tudo aponta para o início de uma nova etapa: “A noiva passa, de carro, como para um enterro”, é a frase inicial do primeiro conto, “Três histórias”, que sintetiza com bastante precisão o espírito dessa obra.

Vale lembrar que o livro foi escrito na década de oitenta, o que, no Brasil, significa a contraposição, frente à euforia da abertura política, de um sentimento de ressaca, agravado pelo acelerado processo de individualização que tanto marcou a década. Miguel chega a falar de um nihilismo, que se traduz num reconhecimento de situações intransponíveis, congeladas e sua superação, de forma pouco convencional, quase inesperada.

Este não é um livro de contos convencionais. Aqui, Miguel optou por enveredar por uma espécie de prosa poética com fartos recursos oriundos da poesia (o “esteticismo caudaloso” de que fala Paulo Sodrê, no posfácio do volume): metáforas, aliteração, sinestesia, trocadilhos semânticos e sonoros, recursos vi-

suais (num texto, a palavra “estilhaços” literalmente se espatifa pela página; noutra conto, a palavra “carcomidas” é propositalmente “apagada” em algumas partes). Segundo Marvillá, a prioridade era muito mais a construção de uma imagem e de seu sentido, do que o ato de contar uma história. Quando a gente embarca no clima do texto, é hora da estória se estilhaçar: e qualquer parentesco com a experiência da leitura de poesia aqui é totalmente intencional.

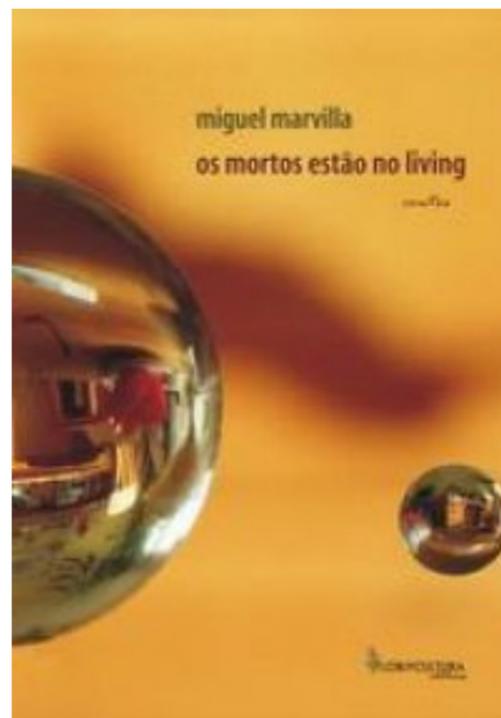
Talvez por isso, alguns textos, apesar de curtos, soem áduos ao leitor desavisado, principalmente se ele está acostumado à poesia precisa (e erudita) dos livros posteriores de Marvillá. Principalmente se levarmos em consideração o tom de farsa assumido pelo livro todo. Ou você acha que todos esses diálogos nada naturalistas, toda a afeição na descrição de ambientes e situações seriam outra coisa? Em “O vampiro, Deborah”, uma borboleta “atravessa o set”, revelando toda a encenação, anunciada antes por pequenas pistas: “Parece poesia? É poesia” (o conto foi todo construído a partir de trechos de cartas de amor, o que explica quase tudo). Miguel ainda reforça a profusão de citações aparentemente pedantes como elementos de não-naturalização narrativa. E viva à ironia!

Curiosamente, os dois textos mais impressionantes do livro, passados mais de vinte anos da primeira publicação, são menos calcados nessa prosa poética, abrindo espaço para um interessantíssimo desenvolvimento da narrativa: em “Maria, Clara, Lia, Suzana”, cada uma das ex-mulheres é simbolicamente arremessada pela janela, num expurgo de memórias dolorosas que se traduz numa impactante imagem, a chuva de cadáveres que incomoda a vizinhança; já no conto que dá título ao livro, em que uma dona-de-casa percebe que finalmente falecera, ainda que tentasse continuar no desempenho de suas funções

cotidianas, o sentimento que se espalha pelo leitor é de um doce estarcimento. Curiosamente, Miguel chegou a me relatar que, numa das várias palestras sobre o livro que ele chegou a ministrar em escolas e cursos pré-vestibulares, um estudante secundarista declarou ter-se perguntado, durante a leitura do texto, em qual momento do conto a personagem teria morrido, chegando à conclusão de que ela teria morrido durante a epígrafe de Carlos Drummond de Andrade, tirada do poema “Comunhão”. Tal colocação surpreendeu o autor, por conta do lirismo presente em tal descoberta. Quando ele me relatou, fiquei bastante surpreso: mais de duas décadas depois, o livro de Miguel Marvillá ainda faz muito barulho, e incomoda com sua transbordante poesia.

Vale lembrar que, depois de lançar o volume de contos que afirmou seu nome entre os principais nomes da geração 80 de nossa literatura, Miguel ainda seria o responsável por dois dos grandes momentos literários da década seguinte (os livros de poesia *Sonetos da despaixão* e *Dédalo*, ambos de 1996). Paralelamente, ele experimentou uma sólida carreira editorial, sendo um dos responsáveis pela revista *Você*, editada pela SPDC/ufes durante a década de 90, constituindo-se na principal referência do quem é quem do cenário cultural capixaba naquele período. Em 1999, ele ainda daria início a uma ambiciosa e marcante empreitada: a Editora Flor&Cultura, que ditaria novos parâmetros de qualidade editorial no cenário literário local deste início de século (inclusive, foi através dela tive o privilégio de estreiar em livro com o segundo título publicado pela coleção *Asas de Cera*, naquele mesmo ano). Infelizmente, Miguel Marvillá nos deixou precocemente no final do ano passado, aos 50 anos de idade. Deixou-nos livros belíssimos, inquietantes, surpreendentes. E também deixou uma saudade imensa de sua prosa e poesia inesquecíveis.

Os mortos estão no living



Dúvidas?

Sugestões?

CRÍTICAS?

Quer se comunicar com a equipe editorial da *Graciano - Literatura Brasileira feita no Espírito Santo*? Colabore enviando seu conteúdo, sugestão ou crítica para o e-mail:

contato.graciano@gmail.com

Ou acesse nosso blog:

revistagraciano.wordpress.com

Os Cronópios têm um manual de instruções de como dançar, cantar, sobre a forma correta de ter medo, como entender quadros famosos e também um capítulo exclusivo sobre como matar formigas em Roma. Entranto, o nosso preferido é esse sobre Literatura. Ajude-nos a divulgá-lo, enviando o link via twitter, e-mail ou mesmo no msn para os seus amigos!

Colaboraram nesta edição



BRUNELLA BRUNELLO
brunellabrunello@gmail

DANIEL FERNANDES
damn.fernandes@gmail.com

ERLY VIEIRA JR.
erlyvieirajr@hotmail.com

FERNANDA BARATA
fernanda-barata@hotmail.com

GUILHERME REBÊLO
guillherme2111@gmail.com

LEANDRO REIS
leandro.souza.reis@gmail.com

LUCAS ROCHA
k.rocha1412@gmail.com

RAFAEL ABREU
abreu415@gmail.com

SIDNEY SPACINI
spacini_sido@gmail.com

VINÍCIUS ALTOÉ
vinicius.altoe@yahoo.com.br



gritos, y los taxis no quieren llevarlos
o les cobran precios altísimos. Los cronopios no se desaniman
creen firmemente que estas cosas les ocurren
todos, y a la hora de dormir se dicen uno
os: “La hermosa ciudad, la hermosísima ciudad”. Y sueñan toda la noche
e en la ciudad hay grandes fiestas y que ellos

julio Cortázar

